

## A LEITURA LITERÁRIA, A ESCRILEITURA ELETRÔNICA: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE *O ATENEU* DE RAUL POMPÉIA

Raquel Yukie Murakami\*  
Patrícia Trindade Nakagome\*

**RESUMO:** Neste artigo, propomos uma reflexão sobre o leitor e a leitura literária na contemporaneidade a partir da análise de *O Ateneu*. Centramos nossa discussão no modo como a leitura se concretiza na obra e na maneira como a homossexualidade ali aparece. A segunda temática é bastante abordada na fortuna crítica de Raul Pompéia e tem grande destaque nos debates sobre *fanfiction* (narrativas criadas por fãs a partir de textos existentes). Discutiremos a *fanfiction* “O livro da capa vermelha”, que retrata a maior proximidade sexual entre Sérgio e Egbert, não explícito no livro de Pompéia. O objetivo é trazer à discussão a leitura do fã, que é ao mesmo tempo interpretação e escrita. Nessa condição, o leitor não é apenas um agente participativo na construção do sentido do texto, mas também um autor de novos textos, nos quais se inserem, de forma criativa e original, suas próprias leituras. Mostraremos que, ao contrário do que se pensa, a tecnologia não é necessariamente um elemento negativo à literatura. Ela pode, pelo contrário, ser um meio de expressão e ampliação do sistema literário na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Leitura. Gênero. Fanfiction. *O Ateneu*.

### Introdução

Foi-se o tempo em que a literatura poderia ser considerada o elemento fundamental na formação subjetiva dos indivíduos. Foi-se o tempo também em que a experiência literária estava limitada apenas ao contato do indivíduo com os livros. Essas mudanças, tão fortemente alardeadas, não indicam, no entanto, que a literatura tenha perdido o seu sentido ou seu espaço em uma época marcada pela fluidez.

O fato de vivermos, tal como sugere Bauman (2001), num período líquido, em que certezas e conceitos sólidos cedem espaço a uma multiplicação de possibilidades instáveis, não significa, de forma direta, que tudo aquilo que era tão caro à chamada Alta Modernidade caiu por terra. Mais especificamente em relação à

---

\* Universidade de São Paulo / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Imei: [raquelmurakami@yahoo.com.br](mailto:raquelmurakami@yahoo.com.br).

\* Universidade de São Paulo / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Imei: [patricia.nakagome@gmail.com](mailto:patricia.nakagome@gmail.com).



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

literatura, no contexto brasileiro, não podemos esquecer que a cada dia mais e mais livros são escritos e vendidos. Isso, por certo, não conduz necessariamente a um cenário de entusiasmo imediato, de crença no fato de que a maioria de nossa população lê melhor e tem mais acesso e interesse ao que consideramos “obras de qualidade”. Por outro lado, tampouco podemos tratar nosso atual cenário literário em tons apocalípticos, como se nada bom fosse escrito ou como se os leitores fossem uma categoria em extinção. Como diz o ditado: nem tanto ao mar, nem tanto à terra. É a partir dessa perspectiva que tratamos o objeto eleito para este artigo.

Partimos da premissa de que se faz necessário olhar de forma detida os atuais contornos do sistema literário, construído de modo distinto, não necessariamente pior, em relação ao que nos acostumamos a entender como tradição literária. Para isso, optamos por uma discussão que une o tradicional e o novo; um texto do cânone e uma forma de circulação típica da contemporaneidade. Realizaremos, neste artigo, uma leitura da obra *O Ateneu* de Raul Pompéia não apenas a partir de uma descrição e análise de aspectos internos à obra, mas também daquilo que lhe é trazido de fora, construído pelo próprio processo de leitura. Para isso, aliaremos o trabalho com a obra literária junto à discussão de uma *fanfiction* chamada “O livro da capa vermelha” de lotatlotat, pseudônimo adotado pelo(a) autor(a).

Mais adiante especificaremos alguns processos fundamentais da constituição do gênero *fanfiction* (ou simplesmente *fanfic*). Por ora, é suficiente entendermos que, tal como pode ser percebido por sua denominação, trata-se de um texto criado por um fã com base em alguma obra por ele valorada (podem ser filmes, livros, séries etc). Esses textos produzidos a partir de leituras de um produto cultural são, por sua vez, alvo de leitura e avaliação de outros fãs, que têm acesso a elas dentro de um site, onde podem colocar seus comentários e avaliações.

A produção e recepção das *fanfics* é uma das atividades do *fandom*, ou seja, o grupo de fãs que admiram um produto cultural, e é marcada por hierarquia,

valorização e regras. Trata-se, portanto, de uma dinâmica muito mais complexa do que poderia ser imaginada por um leitor distanciado, que não pertence à comunidade dos fãs. Por essa razão, na linha do que apontamos no início deste artigo, a *fanfiction* pode nos oferecer uma possibilidade singular de entender os desdobramentos contemporâneos da literatura, não com uma visão distanciado e negativa, mas sim atenta ao seu potencial e a alguns resultados concretos bastante significativos.

Como discutiremos a seguir, consideramos as *fanfics* como materialização da leitura no sentido mais amplo, pois elas se efetivam através da compreensão profunda de um determinado objeto, o qual, em seguida, é ampliado pelo olhar do leitor, que mobiliza sua criatividade para complementar a história. Por essa razão, ao unirmos a discussão de uma *fanfic* à análise da obra que a originou e à sua fortuna crítica, buscamos centrar este artigo na questão da leitura. A leitura, assim, é tomada de três formas que se correlacionam: a leitura como elemento de formação do personagem Sérgio, a leitura da obra feita pela crítica, e a leitura do fã que se faz *fanfiction* por meio de uma ação que, como trataremos adiante, pode ser entendida como *escreitura*.

### **A leitura do / no Ateneu**

*O Ateneu* de Raul Pompéia ocupa lugar de destaque em nossa tradição literária, tendo atraído grande atenção do público na época de sua publicação e desfrutando ainda hoje de notada atenção acadêmica, não apenas em pesquisas exclusivamente literárias<sup>1</sup>. O valor da obra foi destacado na fortuna crítica, mesmo no caso nas interpretações mais negativas a ela, como ocorreu no comentário de Andrade (1974), cuja leitura perigosamente associa a biografia do autor à análise do livro<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Pensamos aqui, a título de exemplo, nos artigos de Benelli (2003), e Santos e Marchi (2013) que recorrem a *O Ateneu* para fazer uma discussão da instituição escolar, com enfoque, respectivamente na formação da subjetividade e na disciplina.

<sup>2</sup> “O biografismo crítico, prêso a ideia do todo contínuo formado por autor e obra, tende a interpretar distribuindo: o subjetivismo, dado no tom e nas imagens, ilumina a psicologia do criador; os fatos, por sua vez, usam-se para estabelecer o conteúdo da criação. Consequência é o

Embora a personalidade de Raul Pompéia, com todos seus contornos trágicos que culminam no suicídio aos 32 anos, possa ser um meritório alvo de interesse, faremos a discussão da obra a partir de uma leitura detida no texto, especialmente porque, no próximo tópico, já o extrapolaremos, não pensando em sua produção, mas em sua recepção. Retomamos apenas um aspecto da vida do autor que se relaciona ao tema central deste tópico e mostra a forma como a obra dialogava com seu tempo:

Vale contextualizar o ano da morte de Pompeia: 1895. Em 25 de maio deste mesmo ano Oscar Wilde foi condenado por “homossexualismo” a dois anos de prisão com trabalhos forçados. Ao mesmo tempo que o caso se tornou internacionalmente conhecido, introduzindo o tópico homossexual na esfera pública, no Brasil, foi lançado *Bom crioulo*, polêmico romance de Adolfo Caminha que narra a relação consumada sexualmente entre um branco e um negro. O livro escandalizou o público letrado ao explicitar de forma associada os temores sociais de sexualidade homoerótica e inter-racial. Culminando ano tão profícuo em escândalo, ocorre o suicídio de Pompeia, autor cuja principal obra evidenciara controversas relações entre sexualidade e política. (MISKOLCI, BALIEIRO, 2001, p. 84)

Se optamos aqui por tratar da homossexualidade, tema já bastante explorado na fortuna crítica do autor, foi por reconhecermos nele um ponto de contato evidente com o *fandom*, já que, como detalharemos adiante, a temática dos relacionamentos homossexuais é bastante explorada nesse meio. De modo mais específico, buscamos rastrear o modo como as relações de Sérgio, protagonista e narrador do livro, se articulam com outros meninos por meio da leitura e dos livros.

“Vais encontrar o mundo [...]. Coragem para a luta” (p. 11). Essa é a emblemática fala do pai de Sérgio quando o acompanha para entrar no Ateneu. Como destaca Bosi, está indicada, com poucas palavras, a essência do livro: “Contar a história

---

empobrecimento do texto, pois o que nele se objetivava, passando a ser parte sua, é visto como atributo do autor, ser vivo e inesgotável no papel impresso. Mesmo um excelente ensaio como o de Mário de Andrade, não escapa a esse quadro, que rouba ao romance de Raul Pompéia, a nosso ver, uma das dimensões mais modernas, a superação do realismo pela presença emotiva de um narrador (SCHWARZ, 1981, p. 25).

dessa luta é o objeto principal do romance. E dizer que ela é cruel, embora necessária, é a suma de sua mensagem ideológica” (BOSI, 2003, p.52). A luta se delineia em seus aspectos mais gloriosos no início do livro, em que o garoto fica maravilhado com as demonstrações de força e organização levadas a cabo por seus futuros colegas. Em pouco tempo, no entanto, a batalha se revela em suas feições mais mundanas e sórdidas, manifestada especialmente na coerção aos meninos menores. Por estar nessa condição, Sérgio é alertado por Rebelo: “Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores” (POMPÉIA, 1997, p. 28).

Pouco tempo depois do conselho, Sérgio é puxado pelos pés na piscina e quase se afoga até ser socorrido por Sanches. O resgate, no entanto, parecia ser uma estratégia para forçar a aproximação entre os dois meninos: “Mas a consequência imediata do fato foi que reforcei a repugnância que o Sanches me causava e me fiz todo agradecido para com ele e íntima amizade” (POMPÉIA, 1997, p. 33). Essa relação com início conturbado se desenvolve em meio a livros e orientações de estudo. Cabe destacar a leitura de *Os Lusíadas*, mais especificamente do Canto IX, o qual, como se sabe, passa na Ilha dos Amores, ponto de repouso colocado por Vênus no caminho dos portugueses. As explicações se construía numa dinâmica de opressão e subserviência, em que Sanches descortinava no épico os sinais do desejo: “Mentor levou-me por diante das estrofes, rasgando na face nobre do poema perspectivas de bordel a fumar alfazema” (POMPÉIA, 1997, p.40). Logo após os encontros dedicados ao estudo de *Os Lusíadas* e do dicionário, os dois jovens brigam após uma aproximação mais incisiva de Sanches, que causou repulsa a Sérgio.

O estudo de *Os Lusíadas* trouxe, tempos depois, vantagens a Sérgio, pois foi o tópico sorteado para seus exames. Desse modo, ele atua como um elemento de rememoração de tudo aquilo que o jovem havia enfrentado no colégio:

Depois do ditado, como em relaxamento do cansaço do espírito, esqueci o inventário natural dos conhecimentos que a prova reclamava. Pus-me a pensar nas primeiras leituras de Camões, no Sanches, nos banhos da natação, na maneira de rir da Ângela, no criado assassinado, no

processo do assassino, que fora julgado há pouco... Três pancadinhas que senti no calcanhar, chamaram-me das distrações (POMPÉIA, 1997, p. 121).

O Canto IX que havia sido, no início dos estudos no Ateneu, um elemento que marcou a quebra de sua ingenuidade pelo contato forçado com Sanches, havia se tornado, pouco depois, aquilo que garantiria o êxito no exame. Aquele momento presente é brevemente interrompido pela recordação de episódios vividos ao longo de dois anos no Ateneu. Na própria construção do período, temos indicado que aquilo de mais doloroso que havia marcado o menino já se tornara passado, algo pontual em meio ao andamento cotidiano de sua vida. Podemos, inclusive, considerar que a construção desse período é representativa da maneira como a obra é estruturada: episódios marcantes são trabalhados em toda a intensidade para que, logo depois, sejam sobrepostos por outros, de modo que o passado se dilua na urgência do presente. Isso é válido não apenas para aquilo que provocou dor, mas também para o que foi causa de alegria.

Sérgio permaneceu sozinho após a amizade com Sanches até a aproximação do corajoso Bento Alves. A relação entre os dois rapazes se construía em um sistema semelhante de tutela, mas, à diferença do que vimos antes, há aqui o consentimento de Sérgio, o qual, inclusive, intencionalmente assume traços femininos que tanto lhe assustavam inicialmente: “confusamente ocorria-me a lembrança do meu papelzinho de namorada faz-de-conta, e eu levava a seriedade cênica a ponto de galanteá-lo, ocupando-me com o laço da gravata dele [...]” (POMPÉIA, 1997, p.108). A amizade avançava de forma harmoniosa até que Bento Alves se envolve em uma briga para proteger a honra de Sérgio. Sentindo-se humilhado por ter cometido ação contrária aos seus princípios, o jovem se afasta de Sérgio de forma repentina e pouco é lembrado posteriormente na narrativa. Esse súbito afastamento, tal como ocorrera com Sanches, permite que o narrador apresente os dois personagens numa espécie de catálogo de suas relações no Ateneu, ao qual se acrescenta o nome de Egbert:

A convivência do Sanches fora apenas como o afeiçoamento aglutinante de um sinapismo, intolerável e colado, espécie de escravidão preguiçosa

da inexperiência e temor; a amizade de Bento Alves fora verdadeira, mas do meu lado havia apenas gratidão, preito à força, comodidade da sujeição voluntária, vaidade feminina de dominar pela fraqueza, todos os elementos de uma forma passiva de afeto, em que o dispêndio de energia é nulo, e o sentimento vive de descanso e de sono. Do Egbert, fui amigo. Sem mais razões, que a simpatia não se argumenta. Fazíamos os temas de colaboração; permutávamos significados, ninguém ficava a dever. Entretanto, eu experimentava a necessidade deleitosa da dedicação. Achava-me forte para querer bem e mostrar. Queimava-me o ardor inexplicável do desinteresse. Egbert merecia-me ternuras de irmão mais velho (POMPÉIA, 1997, p. 114).

Temos aqui indicado, desde o princípio, como a relação com Egbert se diferencia daquela que Sérgio estabeleceu com os demais colegas. A diferença não estava apenas no modo como o narrador a sentia, na sua forma leve e doce, mas também na percepção dos demais colegas, que pareciam não se importunar com a proximidade entre os dois meninos.<sup>3</sup> Os meninos passavam horas juntos, passeando, conversando e, principalmente, lendo: “Páginas que não terminavam, de leituras delicadas, fecundas em cisma; Robinson Crusóé, a solidão e a indústria humana; Paulo e Virgínia, a solidão e o sentimento” (POMPÉIA, 1997, p. 115). Vemos que os clássicos títulos indicados pelo autor têm em comum a temática da solidão. E era exatamente como um antídoto a esse sentimento, que os meninos se uniam para não mais estarem sós em meio a um grupo ruidoso e ameaçador dos colegas do Ateneu.

Aproveitando-se da licença que tinham para estudar para o exame, os jovens saíam pelo jardim do colégio para poderem ler as obras que seriam cobradas. E assim cumpriam, de forma agradável, as horas de estudo, especialmente com a leitura de textos teatrais. A declamação era feita com vigor e entusiasmo, e os amigos contornavam as dificuldades de distribuir os papéis não desejados: o do Burro, conselheiro de Nero, ou de alguma personagem feminina, afinal “cada um queria a parte mais enérgica do recitativo” (POMPÉIA, 1997, p. 118). Podemos dizer, assim, que está delineada na atividade de leitura a relação respeitosa,

---

<sup>3</sup> Em um contexto no qual as relações entre pessoas do mesmo sexo eram inteligíveis a partir da polaridade masculino/feminino, a entre Sérgio e Egbert não era compreendida enquanto provida de erotismo. Isto indica que, no final do século XIX, a relação entre homens era vista como sexualmente perigosa quando “desigual, pois apenas na desigualdade entre os gêneros residiria o erotismo. Enfim, o que se temia não eram as relações em si, antes o modelo em que elas se davam no que toca ao poder. Relações de proteção relegavam um dos homens a inferioridade associada ao feminino e, por isso, eram perseguidas.” (MISKOLCI, BALIEIRO, 2011, pp. 80-81)

carinhosa e equilibrada que unia os dois meninos, em que, inclusive, eram facilmente contornadas as questões de gênero, através de um acordo, não de uma submissão, como vimos nas relações anteriores de Sérgio. A diferença de envolvimento de Sérgio nas suas relações com os três meninos aqui discutidos não seria suficiente, segundo Mario de Andrade, para indicar o estabelecimento de um vínculo de amizade. A esse respeito, aponta Mazzari:

Se, porém, quanto a esse primeiro embate [com Sanches] o narrador deixa claro que se tratava tão-somente de esquivar-se das investidas do "pegajoso" colega, os relacionamentos posteriores de Sérgio com o robusto Bento Alves e o lânguido Egbert são pontilhados por ambiguidades que, como ilustra o episódio do violento rompimento com o primeiro, não se esclarecem inteiramente para o leitor. Como é sabido, isto valeu a Pompéia, no ensaio de Mário de Andrade, a acusação de ter desconhecido e sido incapaz, mesmo enquanto narrador, do sentimento puro da amizade. Mas não se estaria atribuindo aqui à personalidade atribulada do escritor componente que resulta forçosamente do ambiente representado, que levanta obstáculos de toda espécie ao cultivo da amizade? (MAZZARI, 1997, p. 230)

É importante, como pondera Mazzari, lembrar o quanto a dureza da avaliação de Andrade, tal como indicamos antes, está calcada numa espécie de leitura biográfica de *O Ateneu*. Sem, no entanto, recorrermos a elementos externos à obra, podemos ter opinião semelhante de que a noção de amizade que se desenvolve no livro é extremamente frágil, podendo, como vimos na citação, ser marcada por "ambiguidade". Mesmo no caso de Egbert, com quem Sérgio teve uma relação de confiança, configurando, como o próprio narrador afirma, seu primeiro contato com a amizade, há uma fratura, uma quebra. Apesar da importância desse personagem para Sérgio, sua presença no livro se limita a um capítulo, até o momento em que a atenção do narrador se volta a Ema, esposa de Aristarco, o diretor do Ateneu. Depois de travar contato com essa senhora em um jantar oferecido em sua casa, o pensamento de Sérgio está apenas nela e, com isso, Egbert recebe apenas algumas menções pontuais no restante da narrativa.

O sentimento de amizade em Sérgio tem feições de sobrevivência. A aproximação com as pessoas, em relações movidas por interesse, se dá na chave da necessidade de buscar um espaço subjetivo de sobrevivência dentro do



ambiente hostil do Ateneu. Superada uma fase de suas dificuldades, estão superados os companheiros, deixados de lado os livros lidos e, no romance, passa-se a um novo capítulo.

Os vazios que são deixados na narrativa sobre um determinado personagem apenas podem ser complementados pelo leitor. É isso o que possibilita a *fanfiction*. No caso do texto que veremos a seguir, há a criação de um novo episódio na relação de Sérgio e Egbert, que se dá, precisamente, em uma cena de leitura. Tem-se, assim, a materialização da leitura do leitor através de uma nova ação de leitura do personagem.

### **“O livro de capa vermelha”**

Antes de avançarmos a discussão para a análise da *fanfiction*, convém tratarmos dos aspectos de sua publicação, dado o desconhecimento geral sobre o assunto. “O livro da capa vermelha” foi publicado no site Fanfiction.net<sup>4</sup>, o mais popular suporte de hospedagem de *fanfictions* na Internet, contendo aproximadamente 5.403.000 *fanfics* em 38 línguas<sup>5</sup>. As *fanfictions* do sistema estão organizadas em nove categorias (anime/mangá<sup>6</sup>, livros, desenhos animados, histórias em quadrinhos, jogos, filmes, musicais/shows, seriados de televisão e miscelânea) e identificadas de acordo com os produtos culturais nos quais se baseiam. O site possibilita aos autores publicar textos, sejam poemas, contos ou romances, e interagir com os leitores, que podem deixar comentários (*reviews*) com elogios e críticas sobre a *fanfiction* ao fim do texto. Por meio das *reviews*, o autor monitora a aceitação e a popularidade do texto, tanto pela qualidade quanto pela quantidade dos comentários.

Descrever o sistema referente à produção e recepção de *fanfics* em minúcias é tarefa demasiado árdua em um artigo de limitada extensão. Convém, no entanto, esclarecer que a formação da cultura do fã no ocidente deu-se principalmente na

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.fanfiction.net>>.

<sup>5</sup> Contagem realizada em outubro de 2013.

<sup>6</sup> Animações e histórias em quadrinhos japoneses.

década de 60, apoiada sobre atividades independentes, organizadas de acordo com as necessidades dos fãs. Por conseguinte, nessa época, novos termos foram encontrados pelo grupo a fim de classificar suas produções, incluindo as *fanfictions*; muitos ainda presentes no *fandom* da atualidade. Há atualmente termos referentes a textos existentes apenas no universo dos fãs, como: *songfic* (*fanfic* que alterna letra de música e prosa), *angst* (*fanfic* escrita geralmente na primeira pessoa, com foco no sofrimento emocional de uma personagem), *hurt/comfort* (*fanfic* na qual uma personagem que sofre é confortada por outra), *PWP* (*Plot? What Plot?* – *fanfic* focada unicamente na relação sexual das personagens), etc. Os fãs vêm utilizando e moldando essa forma de organização desde um período anterior ao da Internet, cujas potencialidades foram exploradas ao máximo pelo *fandom* no início deste século, causando sua abertura para o grande público.

O(a) autor(a) lotatlotat publicou três *fanfics* no site Fanfiction.net, sendo duas baseadas em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e uma, em *O Ateneu*. Em todas, a temática homossexual está presente, sendo consideradas *fanfics* pertencentes a uma categoria conhecida como *slash*. Segundo Jenkins (1992), o termo *slash* teve sua origem no começo da década de 1970, no *fandom* de *Jornada nas Estrelas* e designa a relação homossexual entre as personagens. Há, ainda, o termo *femmeslash*, referente à relação homossexual entre personagens femininas. Trata-se de uma categoria instigante nos estudos sobre *fandom* e *fanfictions*, cujas análises apresentam pontos interessantes a serem considerados na reflexão em torno do texto de lotatlotat. Partiremos da discussão iniciada por Jenkins em *Textual Poachers* para depois tratarmos do conceito de Intimatopia, sugerido no ensaio “Intimatopia: genre intersections between slash and mainstream”, de Elizabeth Woledge (2006).

“O livro da capa vermelha” retrata as personagens Sérgio e Egbert, em um momento de leitura no jardim do Ateneu, isolados do resto da escola. Egbert está lendo em *Werther*, de Goethe, uma passagem na qual a leitura dos cantos de Ossian leva Werther a expressar sua paixão por Carlota por meio de beijos e

abraços. E, da mesma forma como a leitura dos cantos de Ossian intensifica a paixão e o sofrimento de Werther, a leitura de *Werther* leva Sérgio e Egbert a uma súbita e intensa demonstração de paixão.

Em *Textual Poachers*, Jenkins comenta sobre a possibilidade da relação de equilíbrio entre as personagens na *fanfic slash*, na qual os amantes adquirem traços associados tanto à masculinidade quanto à feminilidade. Ao analisar *fanfics slash* baseadas em *Jornada nas Estrelas* com as personagens Kirk e Spock, ele afirma:

Slash não depende da simples atribuição dos papéis convencionais do masculino e do feminino às relações entre duas personagens masculinas; não se criam versões femme ou butch de Kirk e Spock. Em vez disso, o slash explora a possibilidade de existência fora dessas categorias; de combinar elementos de masculinidade e de feminilidade em uma identidade íntegra, porém fluída.<sup>7</sup> (JENKINS, 1992, p. 193)

Os valores relacionados a gênero misturam-se, anulando a relação de poder entre as personagens. Sérgio e Egbert podem alternar entre os papéis masculinos e femininos durante as leituras, de maneira a usufruir uma “amizade” em equilíbrio. Essa igualdade é trazida para o texto da *fanfiction* e avança sobre o terreno da homossexualidade: “Tocava-me com a língua, com uma ternura feminina, e eu imitava-o”. Jenkins (1992) apoia-se em Kosofsky Sedgwick para explicar a *fanfic slash*. Segundo ele, as barreiras socialmente construídas entre a relação homosocial<sup>8</sup> e homossexual são retiradas ou simplesmente ignoradas pelos autores em *fanfics*, nas quais a “grande amizade” entre as personagens resvala para a relação amorosa. O homosocial, portanto, formaria um continuum com o homossexual.

No ensaio “Intimatopia: genre intersection between slash and the mainstream”, Elizabeth Woledge (2006) comenta sobre um tipo de *fanfic slash* que denominou

---

<sup>7</sup> “Slash depends not simply on a mapping of conventional male and female roles onto the relations between two male characters, not in creating consistently femme or butch versions of Kirk and Spock. Rather, slash explores the possibility of existing outside of those categories, of combining elements of masculinity and femininity into a satisfactorily whole yet constantly fluid identity”. (Tradução nossa.)

<sup>8</sup> Referente a relações entre indivíduos do mesmo sexo que não envolvem interesses sexuais.

“intimatopic”, ou seja, pertencente ao mundo da “Intimatopia”, em oposição a “Romantopia”. Este se refere à narrativa na qual a personagem supera inúmeros obstáculos até conquistar seu par romântico ideal. Já aquele tem como enfoque a intimidade entre as personagens. No mundo da “Intimatopia”, a passagem do homosocial para o homossexual é encorajada, e a homofobia não se faz presente. Nota-se que, apesar de a *fanfiction* retratar um momento no Ateneu, não existe nela nenhum julgamento ou medo por parte da comunidade escolar quanto à intimidade entre as personagens.

“O livro da capa vermelha” volta-se para a liberdade das protagonistas em relação à sociedade (por meio do isolamento), da paixão (da qual a literatura é catalisadora) e do olhar: “gostávamos de olhar o céu, especialmente quando o pôr-do-sol o coloria, e pensar que éramos os pássaros distantes que voavam, livres”. Os meninos encontram um momento de libertação dos limites da relação homosocial. É também a liberdade do leitor insatisfeito com as limitações de um receptor passivo frente ao texto original, que se expande para o terreno do autor, tornando-se um escrileitor.

O leitor que se torna visível pela escrita de *fanfictions* foi tema da tese de doutorado de Ana Cláudia Pelisoli, “Do leitor invisível ao hiperleitor: uma teoria a partir de Harry Potter”, que introduz o termo “escrileitor” nos estudos sobre *fanfiction* na busca de uma definição do que seria o texto do fã: “é escritura porque seu texto é uma enunciação criativa e única, legível e irrepetível, cujo valor se torna também diferente de outros textos criativos, como o texto literário” (PELISOLI, 2011, p.211). Sendo um texto “derivado” de outro, sua leitura ocorre de maneira diferenciada: o leitor da *fanfic* precisa retomar o texto original a fim de compreendê-la. Da mesma forma, através da *fanfic*, o texto original é questionado e repensado, levando o leitor a um exercício crítico. No entanto, o motivo principal da escrita de *fanfics* é simplesmente contar uma nova história, e não o desejo de analisar e julgar o seu texto fonte.

O neologismo “escriteiro” é possível porque a divisão entre leitores e escritores no *fandom* não é clara. Esse espaço pode ser visto como um grande atelier, onde os fãs produzem revistas, histórias, ilustrações, vídeos, músicas etc. A própria recepção do produto cultural ocorre também no nível coletivo, por meio das discussões dos fãs e depende, portanto, da escrita. Pode-se dizer que a leitura no *fandom* está intimamente ligada à produção de novos textos. Assim, a partir de Barthes, Pelisoli (2011, p.16) discute o conceito de escritura como “ato contínuo do texto, compartilhada entre as entidades do autor e do leitor” e apresenta a noção de “escriteira”, capaz de evidenciar como o leitor do *fandom* tem papel ainda mais ativo diante de uma obra do que poderíamos encontrar nas formas mais tradicionais de produção e circulação literária.

Enquanto a *fanfic* traz consigo elementos do texto original, como as descrições das personagens (cabelos entremeados de louro, olhos azuis matizados de cinza) e costumes das personagens (convivência nos recreios, leituras no jardim, o olhar para o céu), o leitor, agora na condição de autor, não está limitado ao romance e não é obrigado a imitar Raul Pompéia, pois pode brincar com a narrativa segundo seus próprios desejos. Um dos critérios de valoração mais usuais de *fanfictions* é a fidelidade com que o fã retrata as personagens do texto original, assim como a satisfação do público de encontrar outras interpretações da narrativa. Se a ambígua “amizade” de Sérgio e Egbert transmitiu ao leitor a ideia de incompletude, deixando-o incomodado, nada impede o escritor de *fanfic* de completá-la ou de transformá-la. Assim, o breve e intenso relacionamento entre os meninos é lido sob outro olhar.

Assim como a leitura de fã é movida pela paixão, as personagens da *fanfic* motivam-se com a paixão presente na literatura. Como diz o termo, fã é aquele que investe tempo e energia em um objeto pelo qual é apaixonado. No caso de uma narrativa, o fã dedica-se ao aprofundamento da leitura e a novos olhares sobre as personagens e a história, expandindo-a. A partir de suas análises, as *fanfics* nascem na forma de uma homenagem. É curioso como a imagem da capa da *fanfic* no site é justamente a foto de um exemplar de capa vermelha de *O*

*Ateneu*, apesar de o “livro da capa vermelha” referido no texto ser *Werther*. É como se *O Ateneu* fosse o catalisador da paixão do fã escritor de *fanfics* – e por que não?

A *fanfic* trata da escrita de uma leitura que leva as personagens à expressão da paixão que, por sua vez, leva outras personagens à expressão da paixão em um novo texto. As duas leituras, em *Werther* e na *fanfic*, estão representadas em dois momentos, pois possuem uma interrupção exatamente no mesmo trecho dos cantos de Ossian: “Mas já se aproxima o tempo de minha morte; aí vem a tempestade que me devastará a folhagem. Amanhã chegará o viajante; chegará o que viu minha beleza; seus olhos hão de me procurar, e não me encontrarão”. *Werther* tem de interromper a leitura nessa passagem, por conta da intensidade dos sentimentos. No caso da *fanfic*, Sérgio toma os livros das mãos de Egbert e retoma a leitura. Portanto, a *fanfic*, embora seja baseada em *O Ateneu*, imita a estrutura de uma passagem de *Werther*, criando, com o mesmo, um jogo de leituras.

Não se trata de imitar o estilo de escrita de Pompéia, nem de trazer ao leitor uma interpretação rigorosamente calcada em evidências textuais. A *fanfic* é um momento de libertação da imaginação do leitor, no qual este pode se perguntar à vontade. Sérgio e Egbert possuíam uma relação amorosa? Se possuíam, como ela se deu? Com essas questões em mente, resta ao escritor da *fanfic* estruturar sua história, da maneira que mais agrada aos leitores. Ele pode brincar com a linguagem, trabalhar seu próprio estilo, parodiar, homenagear, inverter valores etc. O texto fonte deve permitir essa liberdade por meio das lacunas que vai deixando para serem preenchidas pelo leitor, como foi mencionado no item anterior. Segundo Pelisoli:

O texto, enquanto estrutura de indeterminação, também necessita do preenchimento do leitor, enquanto assume o pólo de receptor. Quanto mais o leitor for provocado a assumir o papel de emissor no jogo de interação, mais ele se sente capaz de dominar o processo de configuração de sentidos. (PELISOLI, 2011, p. 129)

Diante das brechas para deixar no texto a sua marca de autor, o fã pode desenvolver modos específicos de escrita, como o *slash* segundo a Intimatopia de Woledge e formas criativas que não estão presentes no texto fonte. Além disso, quando o leitor de *fanfic* retoma o texto fonte, seu olhar já não é mais o mesmo, pois carrega consigo todas as *fanfics* lidas, inevitavelmente lembradas ao longo da releitura. Algumas dessas *fanfics* podem ter dado às velhas passagens do livro um destaque especial a ser notado por esse leitor, despertando-o para novas e agradáveis descobertas.

### **Considerações finais**

Vivemos numa época em que a leitura metódica e detida é desestimulada pela velocidade da contemporaneidade, pelos meios tecnológicos que permitem uma fruição rápida e efêmera. Nesse contexto, o escritor da *fanfiction* destaca-se pelo empenho em compreender a narrativa original para depois criar uma nova. Esses leitores, vistos como blasfemadores por alguns, fazem da leitura uma brincadeira, produzindo textos de qualidade variável, dentre os quais podemos encontrar alguns consideravelmente bem elaborados, como a *fanfic* analisada.

Vimos em *O Ateneu* que a amizade entre Sérgio e Egbert, embora bastante intensa, se limitou apenas a um capítulo do livro. O leitor que se faz escritor criou uma nova história, agregando não apenas informações contidas no romance, mas também aspectos típicos das *fanfictions* e a leitura de outro livro canônico. A leitura, que tem lugar de destaque na obra de Pompéia, foi expandida significativamente na *fanfic*, materializando um criativo jogo de leituras.

Embora as *fanfictions* sejam pouco conhecidas pela comunidade acadêmica, elas abrem caminhos para novas discussões sobre a leitura e o leitor. De que modo esse leitor contemporâneo recebe as obras da literatura?

Talvez não seja possível dar respostas certas a um cenário em modificação. O certo é que a tecnologia, muitas vezes alardeada como inimiga da literatura, pode,

como vimos no caso da *fanfic* analisada, trazer surpresas bastante positivas. A literatura, como fez ao longo de sua longa história, ainda exerce fascínio sobre os leitores, agindo sobre sua subjetividade e estimulando a criatividade. Talvez nós é que tenhamos que aprender a entender esses leitores e a forma como constroem o sentido do texto antes de emitir sobre eles um juízo de valor.

#### **LITERARY READING, ELETRONIC WRITING-READING: A DISCUSSION BASED ON *O ATENEU* BY RAUL POMPEIA**

**ABSTRACT:** This paper aims at providing a reflection on reader and on literary reading in contemporaneity from the analysis of *O Ateneu*. The discussion's focus is on how reading is processed in the text and how homosexuality is presented. This latter aspect is widely debated by Raul Pompeia's critics and it has great prominence in discussions about fanfiction (narratives created by fans from existing texts). The discussion is based on the fanfiction "The red-covered book", which depicts the sexual closeness between Sergio and Egbert, never explicit in Pompeia's book. The goal is to discuss the fan's reading process, which is both interpretation and writing. Thus, the reader is not only a participant in the construction of text's meaning, but also an author of new texts, in which their own readings appear in a creative and original way. The objective is to show that, unlike what is commonly believed, technology is not necessarily a negative element to literature. On the contrary, it can be a means of expression and expansion on the literary system in contemporaneity.

**KEYWORDS:** Literature. Reading. Genre. Fanfiction. *O Ateneu*.

#### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Mario de. **O Ateneu. Aspectos da literatura brasileira**. 5 ed. São Paulo: Martins, 1974.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENELLI, Sílvio José. O internato escolar 'O Ateneu': produção de subjetividade na instituição total. **Psicologia** (USP), São Paulo, v. 3, n. 14, 2003.

BOSI, Alfredo. O Ateneu, opacidade e destruição. In: \_\_\_\_\_. **Céu, inferno: ensaios críticos literários e ideológicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

GOETHE, Joham Wolfgang von. **Werther**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

JENKINS, Henry. **Textual poachers: television fans & participatory culture**. New York: Routledge, 1992.

MAZZARI, Marcus Vinícius. Representações literárias da escola. **Estudos Avançados** São Paulo, v. 11, n. 31, 1997.



MISKOLCI, Richard e BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. "O drama público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 75, 2011.

PELISOLI, Ana Cláudia Munari Domingos. **Do leitor invisível ao hiperleitor: uma teoria a partir de Harry Potter**. Dissertação (Doutorado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, Tiago Ribeiro e MARCHI, Rita de Cássia. O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompeia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 339-360, jan./mar. 2013. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acesso em: 20 set. 2013.

SCHWARZ, Roberto. O Atheneu. In: \_\_\_\_\_. **A sereia e o desconfiado: ensaios críticos**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

WOLEGE, Elizabeth. Intimatopia: genre intersections between slash and the mainstream. In: HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (Eds.). **Fan fiction and fan communities in the age of the Internet**. Londres: McFarland & Company, 2006.

Sites:

O livro da capa vermelha. Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/s/8756340/1/O-livro-da-capa-vermelha-O-Ateneu>>. Acesso em: 15 set. 2013.

Texto recebido em 30/10/2013.

Texto aprovado em 29/11/2013.